

revista

impressão Pedagógica

Ano XXIII • no 55 • fev/jun 2015
Publicação para a área privada

Os laços da educação

*Estudos apontam impactos benéficos
na sociedade quando professores
trabalham competências socioemocionais*



Robótica Expoente lança material inédito • Papo exclusivo com Júlio Furtado, doutor em Educação

“O professor precisa ter o famoso 'jogo de cintura'; o autoconhecimento e a consciência de quais são seus limites e potencialidades”

Veja como alguns desafios que os professores vivem no dia a dia podem ser enfrentados quando se estabelece vínculos afetivos com os alunos. É o tema do bate-papo com o professor e doutor em Educação, Júlio Furtado

As gerações jovens impõem ao professor necessidades diferentes das quais ele tinha enquanto aluno. Por mais que os professores tenham a tendência de reproduzir o modo como seus professores lhe ensinaram, é preciso entender que as gerações que estão hoje nas salas de aulas apresentam características diferentes e, portanto, aprendem de maneira diferente.

É necessário mais diálogo, negociações de sentidos, transparência e vínculos afetivos na relação com os alunos. Se existem necessidades diferentes, é preciso novas maneiras de levar o conhecimento para que haja um aprendizado significativo. Mas como fazer isso? O professor Júlio Furtado apresenta alguns detalhes sobre o tema nesta entrevista exclusiva.

Ele é doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Havana (Cuba),

mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pedagogo, psicólogo e autor de diversos livros.

Esteve em Curitiba (PR) para lançar a sua mais nova obra em parceria com o Grupo Expoente: "Vínculos e aprendizagem", livro que embasará as atividades pedagógicas de todas as escolas conveniadas ao Sistema de Ensino Expoente. Confira.

Impressão Pedagógica (IP) – Quais as características da geração Z?

Julio Furtado (JF) – Formada por crianças e adolescentes entre 5 e 17 anos, é uma geração completamente imersa na tecnologia e que não consegue conceber o mundo sem aplicativos, mídias sociais, *smartphones* e internet. Esses jovens possuem alta habilidade tecnológica e baixa habilidade em relacionamento interpessoal. Uma parece ter se desenvolvido em detrimento da outra, pois eles se isolam quando fazem uso da tecnologia e com isso não se relacionam pessoalmente. É uma geração silenciosa. Falam pouco e ouvem pouco em função do alto índice de dispersão e desinteresse nos "discursos não tecnológicos". Possuem pouco interesse em profissões e áreas de conhecimento que não se relacionam diretamente com a tecnologia. Além disso, têm dificuldade com o pensamento linear (início-meio-fim) e isso, com certeza, será um grande desafio quando chegarem ao mercado de trabalho.

IP – O livro "Vínculos e aprendizagem" trata sobre como criar vínculos afetivos com essa nova geração.

Como esse processo se dá?

JF – Os vínculos afetivos são estabelecidos a partir dos senti-

mentos e emoções vivenciados ao longo de uma relação. Podem ser positivos ou negativos, já que esses sentimentos e emoções podem ser positivos ou não. Os vínculos afetivos positivos se formam a partir de uma relação que oferece confiança, nascida da vivência de sentimentos e emoções construtivas e saudáveis. Estabelecemos vínculos afetivos com alguém que nos trata com consideração, respeito e carinho, por exemplo. Com o ingresso da criança na escola, ela tem a experiência de construir novos vínculos. A gente precisa entender a importância e o lugar desses vínculos para a continuidade do sucesso do processo de aprendizagem dessa criança. A gente sabe que se a criança consegue construir um processo de vinculação afetiva com a escola, ela automaticamente também desenvolve um processo de aprendizagem igualmente seguro.

IP – Quais os principais pilares do livro?

JF – Já no início do livro, a gente trata da questão da construção do afeto. Logo depois, entra o segundo pilar que é a alteridade. Lidar com o diferente de mim. Nessa relação com aquele que é diferente de mim, eu me autoconstruo, desconstruo ou modifico vínculos. ➤



Foto: arquivo pessoal

O terceiro pilar é a mediação relacional do professor. Basicamente, o professor precisa travar com o aluno dois tipos de mediação: mediação didática – por meio da qual ele apresenta o conteúdo de maneira que o aluno entenda, e para isso ele precisa ser versátil na forma de apresentar, em uma linguagem que o aluno dê conta de aprender; mediação relacional – pela qual o professor não deixa que o aluno desista de aprender. Ele incentiva, elogia e motiva para que a aprendizagem ocorra verdadeiramente. Se o professor não acredita no potencial de aprendizagem desse aluno, ele não vai ser capaz de desenvolver uma mediação relacional competente. Por não ficar verdadeira, refletirá no quanto esse aluno vai se autoacreditar ou não. Da negociação de sentidos, um quarto pilar importante. O professor em sala de aula, em sua relação com o aluno, está lá para ensinar alguma coisa. Esse aluno tem uma cultura e uma crença e esse professor também. Ao usar um exemplo, esse professor leva uma

crença, uma linguagem da cultura dele. É preciso que o professor mergulhe, que considere a cultura do aluno para que consiga fazer com que o aluno saia do sentido e vá para o significado. O professor tem de ficar muito atento, pois a aprendizagem significativa se dá na formação do significado, e não na formação do

sentido. Então para que eu seja um bom indutor do sentido até o significado, o que eu preciso fazer? Estar atento em relação ao sentido que o aluno formou. Para isso, eu preciso olhar esse aluno com o olhar dele, com a cultura dele, com os paradigmas dele e desse modo ajudá-lo a entender. A melhor maneira de fazer isso é por meio da prática.

Júlio Furtado




IP – Como desafiar os alunos a aprenderem mais?

JF – Em primeiro lugar usando a tecnologia. O professor, definitivamente, precisa encarar a tecnologia como um recurso didático. Eu acho que poucos estão usando a tecnologia com todo o potencial que ela tem para ser usada. A tecnologia já é um elemento de intercessão de interesse muito grande com as gerações que estão nas escolas. Além da tecnologia, a maneira com que o professor se coloca em sala de aula. Ou seja, uma

coisa é o professor se colocar como alguém que dá bom dia e diz: “vim ensinar alguma coisa nova para vocês. Fiquem quietinhos, que eu vou explicar”. Infelizmente, é o modelo que se traz da escola em que estudou.

“ Os vínculos afetivos se formam a partir de uma relação que oferece confiança, nascida da vivência de sentimentos e emoções construtivas e saudáveis ”



O professor é muito mais formado pelos professores que ele teve do que pelos discursos que ele ouviu sobre como deveria ser professor (eu dou aula como me deram aula). A atitude do professor em sala de aula, ao invés de trazer esse conhecimento pronto, deve trazer um desafio real, ligado à vida, em especial ligado ao contexto em que esse aluno vive. Ao propor esse desafio, o professor tem condição de ser um bom mediador relacional e de fazer esse aluno ficar com vontade de aprender e insistir, de não desistir rápido. Se a gente reúne todas essas características, teremos uma escola mais voltada para as necessidades e para as características dessa geração.

IP – A partir do autoconhecimento e amadurecimento, é possível criar vínculos mais facilmente?

JF – É o grande pulo do gato. À medida que o professor não tem amadurecimento, ele encara esse aluno como uma grande ameaça, fica querendo instaurar o modelo e o paradigma que deu certo com ele. Mas essa geração está cada vez mais criando caminhos e maneiras de comunicação interessantes. Nós temos exemplos de escolas e, não são poucas, em que o poder de sinergia dessa geração Z ou Y é imenso. Ele [aluno] não fala nada em sala de aula, mas no dia seguinte está na internet se vingando daquele professor. E não adianta

o professor perguntar "quem foi que postou isso?", que não vai aparecer. Há uma grande dificuldade de quebrar paradigmas. É momento de parar e pensar: se eu continuar medindo forças, vou perder, porque eu estou com uma turma de 30 alunos.

O professor precisa ter o famoso "jogo de cintura". O que é isso? É o autoconhecimento e a consciência de quais são seus limites e potencialidades. Preciso saber até onde eu vou conseguir, para não ficar, como dizia a minha mãe, "batendo em ponta de faca". Hoje, a gente vê professor "batendo em ponta de facas", tendo crises hipertensivas, até morrendo.

IP – Como liderar a sala de aula e otimizar o tempo?

JF – Costumo partir do próprio significado etimológico da palavra professor. Professor significa "aquele que professa a verdade". Se hoje em dia o professor continuar achando que é o que professa a verdade, com certeza ele vai ter diversos conflitos e dilemas no exercício da sua profissão. Hoje estamos lidando com uma população aprendente, que não admite a não existência do diálogo, não admite ficar sem voz e vez. O professor precisa então romper o paradigma de aula que lhe foi colocado como aluno. Essa é a grande dificuldade do professor atualmente.

A formação continuada é importante? É. À medida que seja vivencial, que trabalhe o professor na mesma intensidade da dificuldade que ele tem de reaprender a forma de dar aula. Acredito que a relação de poder desse professor tem de continuar existindo de outra forma. Ele tem de entender que não professa mais a verdade e que esse aluno pode virar para ele e dizer: "professor, tem um site aqui que está dizendo diferente do que você está dizendo". A atitude hoje é: "que site é esse? Vamos ver...", ou seja, ele tem de se despir do rótulo de detentor da verdade. É uma questão muito mais de amadurecimento e mudança de paradigma de mudança pessoal do que uma questão cognitiva. Estamos há pelo menos três ou quatro décadas treinando os professores para que eles deem aulas diferentes. E me parece que as mudanças são muito lentas. Está proporcional para o esforço que se tem feito para que ele mude. A meu ver, esse não é um esforço objetivo, é um esforço muito mais subjetivo. A formação continuada precisa ser mais voltada à formação pessoal. Claro que a formação pedagógica e científica tem de continuar, mas a formação pessoal tem de ser mais valorizada. ✪